

AMBIENTES

REVISTA DE GEOGRAFIA
E ECOLOGIA POLÍTICA

CHAMADA PARA ARTIGOS:

Necropolítica planetária: Desafios e conflitos ecológicos e sociais pelo mundo afora

Organizadores:

Marcelo Lopes de Souza, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, mlopesdesouza@terra.com.br

Rosie R. Meade, Escola de Estudos Sociais Aplicados, University College Cork, Irlanda, r.meade@ucc.ie

Os editores acima estão buscando contribuições para uma edição especial a ser publicada no periódico brasileiro *AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política*; a edição especial é intitulada *Necropolítica Planetária: Desafios e conflitos ecológicos e sociais pelo mundo afora*.

Biografias curtas dos organizadores:

Marcelo Lopes de Souza é professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Ele atuou como pesquisador ou professor visitante em várias universidades na Europa (Alemanha, Reino Unido e Espanha) e na América Latina (México). Publicou dezessete livros (treze monografias e quatro coletâneas) e cerca de cento e sessenta artigos e capítulos de livros em vários idiomas, cobrindo assuntos como a dimensão espacial dos movimentos sociais e Ecologia Política (com foco especialmente na justiça ambiental).

Rosie R. Meade está baseada na Escola de Estudos Sociais Aplicados, University College Cork, Irlanda. Seus interesses práticos se concentram em várias formas de ativismo comunitário e desenvolvimento comunitário, estudos de movimentos sociais, democracia cultural e artes participativas, política emancipatória e de esquerda. Com Órla O'Donovan, ela foi anteriormente coeditora do *Community Development Journal*, e seu trabalho foi publicado em periódicos como *Antipode*, *Critical Social Policy*, *Race and Class*, *Gender*, *Work and Organization*, entre outros. Com Mae Shaw e Sarah Banks, ela é coeditora da série de livros *Rethinking Community Development* na Policy Press; com Órla O'Donovan, Fiona Dukelow e Heather Laird, ela é coeditora da série de livros *Síreach* na Cork University Press.

Descrição e justificativa:

“Novas ideias germinam em todos os lugares, buscando forçar seu caminho para a luz, para encontrar uma aplicação na vida; em todos os lugares elas são opostas pela inércia daqueles cujo interesse é manter a velha ordem; elas sufocam na atmosfera sufocante de preconceito e tradições”

Piotr Kropotkin, *The Spirit of Revolt*

Em uma era que precisa desesperadamente de novas direções críticas, especialmente em termos de superar a injustiça e dar esperança a uma humanidade preocupada com a base ambiental da sobrevivência, novas teorias e novas estratégias para a mudança exigem uma combinação de preocupações e sensibilidades sociais e ecológicas. Infelizmente, essas preocupações e sensibilidades ainda não andam juntas o suficiente; pelo contrário, bolhas acadêmicas e ativistas cultivaram separações em vez de integrações. Com muita frequência, ainda, justiça social, justiça espacial, justiça ambiental e justiça ecológica são tratadas isoladamente ou mal integradas entre si. Isso é exacerbado pela frequente negligência da multiescalaridade e diversidade sócio-espacial da produção de dimensões de injustiça. Essa negligência significa, entre outras coisas, que certas abordagens dão pouca atenção a problemas como a colonialidade do conhecimento e a necessidade de autonomia para estabelecer agendas de pesquisa (que devem ser, tanto quanto possível, inspiradas e nutridas pelas especificidades locais, regionais, etc. das agendas emancipatórias dos movimentos sociais).

Nos últimos anos, a atualização de Achille Mbembe do foco de Michel Foucault na “biopolítica”, por meio do conceito de “necropolítica”, tornou-se amplamente conhecida. A biopolítica representa o controle de indivíduos, grupos e espaços por meio de dispositivos e estratégias supostamente voltados para o “bem-estar coletivo” – abrangendo desde censos demográficos até prevenção de epidemias, “integração social” e políticas de habitação. As intervenções biopolíticas complementam e (parcialmente) superam as tecnologias de poder associadas à “soberania” e à “disciplina”. “Necropolítica”, no entanto, corresponde a algo muito mais sombrio e radical: o exercício da soberania guiado pela escolha de quem pode viver e quem deve morrer, eventualmente criando espaços de submissão brutal e extermínio gradual de grupos sociais inteiros. A abordagem de Mbembe, não é de se espantar, foi proposta por um intelectual baseado no Sul Global e “inspirada” pelo paradigma da colonização europeia e sua desumanização de povos inteiros.

Tanto do ponto de vista da Geografia quanto da Sociologia, argumentamos que o conceito de necropolítica pode ser usado de maneiras sistemáticas e específicas para analisar os vínculos concretos entre grupos sociais e seus ambientes, territórios e lugares. Esse uso integraria fortemente o conceito de “necropolítica” com os de “geopolítica” e “ecopolítica”, a fim de chamar a atenção para o sofrimento e a morte associados (em várias escalas, do local ao global/planetário/hemisférico) à constituição de “zonas de sacrifício”. Aqui, “zonas de sacrifício” é um conceito que se refere aos ambientes, territórios e lugares nos quais classes e grupos explorados, oprimidos e racialmente/socialmente estigmatizados são desproporcionalmente expostos a vários tipos de riscos, particularmente aqueles ligados à poluição, desastres, violência e, eventualmente, aos efeitos ambientais das guerras.

O objetivo da edição especial proposta é encorajar debates em torno das formas concretas assumidas pela necropolítica em diferentes áreas ao redor do mundo, considerando as assimetrias econômicas e de poder que podem ser vistas em lugares, regiões, países e, finalmente, no sistema mundial capitalista. Simultaneamente, é interesse de **AMBIENTES** se fazer presente em uma arena de discussões internacional, para além do Brasil e da América Latina; daí a escolha do inglês como idioma, pois se trata da língua franca da atualidade. No nosso entendimento, ao mesmo tempo em que se faz necessário denunciar e mitigar o anglocentrismo cultural e linguístico, é necessário que as vozes do Sul Global possam ser ouvidas também nessa plataforma linguística, mas sem os mecanismos de controle impostos por grandes editoras comerciais e pelos grandes periódicos baseados no Norte Global. Para esse fim, a edição especial reunirá autores de uma ampla gama de contextos internacionais e tradições disciplinares. Os autores serão convidados a compartilhar percepções sobre como a necropolítica é entendida, vivenciada, navegada e resistida pelas comunidades e classes que vivem dentro das “zonas de sacrifício”. Os colaboradores coletiva e individualmente documentarão os efeitos materiais, corporificados e outros

para a vida dentro desses lugares. Juntos, perguntaremos: até que ponto e sob quais condições a ação coletiva e a organização para nomear, mitigar e reverter a exploração e o sofrimento necropolítico estão se tornando possíveis? Quais formas concretas a solidariedade e a luta assumem? Quais visões, ideias e aspirações políticas (alternativas) animam os movimentos das pessoas envolvidas?

Tópicos propostos:

Possíveis colaboradores serão convidados a enviar resumos que indiquem como aplicarão e questionarão o conceito de necropolítica com referência às formas concretas que ele assume para grupos sociais, ambientes, territórios e lugares e aos seus efeitos materiais, incorporados e outros para a vida e vidas dentro desses lugares. Os temas a serem abordados na edição especial podem ser os seguintes, *idealmente com um autor do Norte Global e do Sul Global para cada um*:

- 1) **Necropolítica e os legados vivos e vividos do colonialismo e do império: poder necropolítico e a violência das fronteiras.**
- 2) **Necropolítica nos ambientes, territórios e lugares das zonas de sacrifício: multiescalaridade e múltiplas facetas da injustiça.**
- 3) **Técnicas e tecnologias (mutáveis) de sujeição: racialização, classe e gênero e suas interseções com o necropoder.**
- 4) **A mediação, a estetização e a racionalização do poder necropolítico.**
- 5) **Repensando (in)justiça, fazendo justiça: desafios políticos e arcabouços teóricos.**
- 6) **Lutas ecopolíticas e anticapitalistas contra a subjugação necropolítica: comunidades, movimentos sociais e suas lutas.**
- 7) **As artes, práticas e táticas de resistência ao necropoder.**

Cronograma:

Os resumos devem ser enviados até **sexta-feira, 02 de maio de 2025**. Envie seus resumos por e-mail para ambos os editores.

A seleção dos artigos ocorrerá rapidamente, e nos esforçaremos para informar os autores sobre a inclusão até **segunda-feira, 30 de maio de 2025**.

Os primeiros rascunhos concluídos dos artigos devem ser enviados até **sexta-feira, 31 de outubro de 2025**.

Extensão e foco do resumo

- Os resumos devem ter entre 250 e 300 palavras.
- Os resumos devem explicar claramente como o capítulo proposto aplicará o conceito de necropolítica dentro do contexto do artigo, e quais dos temas acima listados ele aborda.
- Inclua também uma breve biografia para cada autor/coautor – máximo de 100 palavras.
- Espera-se que o tamanho do capítulo seja de **no máximo 8.000 palavras**, incluindo resumo e referências.

OS ARTIGOS SERÃO EM INGLÊS. Para a versão final dos artigos, os autores deverão providenciar, além de um resumo curto (entre 250 e 300 palavras) em inglês, também dois outros resumos, em português e espanhol. Um destes, à escolha do(s) autor(es), poderá ser um resumo longo (entre 900 e 1.000 palavras).